

M&A continua a cair, mas tem margem para recuperar

Fusões e aquisições ■ Desde o início do ano, o número de negócios feitos caiu 29% e o valor movimentado foi inferior em 71% em relação ao ano passado, contrariando as expectativas. Mas os especialistas consideram que há condições para que o mercado recupere e ainda surpreenda.

Instabilidade mantém M&A em baixa, mas ainda há esperança na recuperação

Fusões e aquisições ■ O mercado mantém-se em baixa em Portugal. Caiu 29% em transações e 71% em valor desde o início do ano, contrariando as expectativas. Mas os especialistas veem condições para que recupere e surpreenda.

Ricardo Santos Ferreira e Inês Amado

rsferreira@medianove.com

O mercado de fusões e aquisições (M&A, na sigla inglesa) não está a corresponder às expectativas neste início de 2025. A esperada viragem na tendência de quebra que se viveu no ano passado não se concretizou, pelo contrário, o mercado continuou a afundar.

"A atividade de M&A encerrou em 2024 com valores inferiores ao ano de 2023, tendo havido uma queda de cerca de 21%", diz ao Jornal Económico (JE) Marta Romano de Castro, sócia da Abreu Advogados, apontando que as projeções iniciais para 2025 davam nota de que este "podia marcar uma viragem no mercado, com uma possível retoma da atividade". Mas não foi isso que aconteceu.

Os dados coligidos pela TTR Data até 27 de março apontam para uma queda de 29,7% no número de transações, face ao ano passado, para 111, e uma descida ainda mais pronunciada, de 71,4%, no valor das transações, para 915 milhões de euros.

A informação da plataforma financeira também mostra que janeiro e fevereiro foram piores do qualquer um dos meses de 2024 em termos de valores tran-

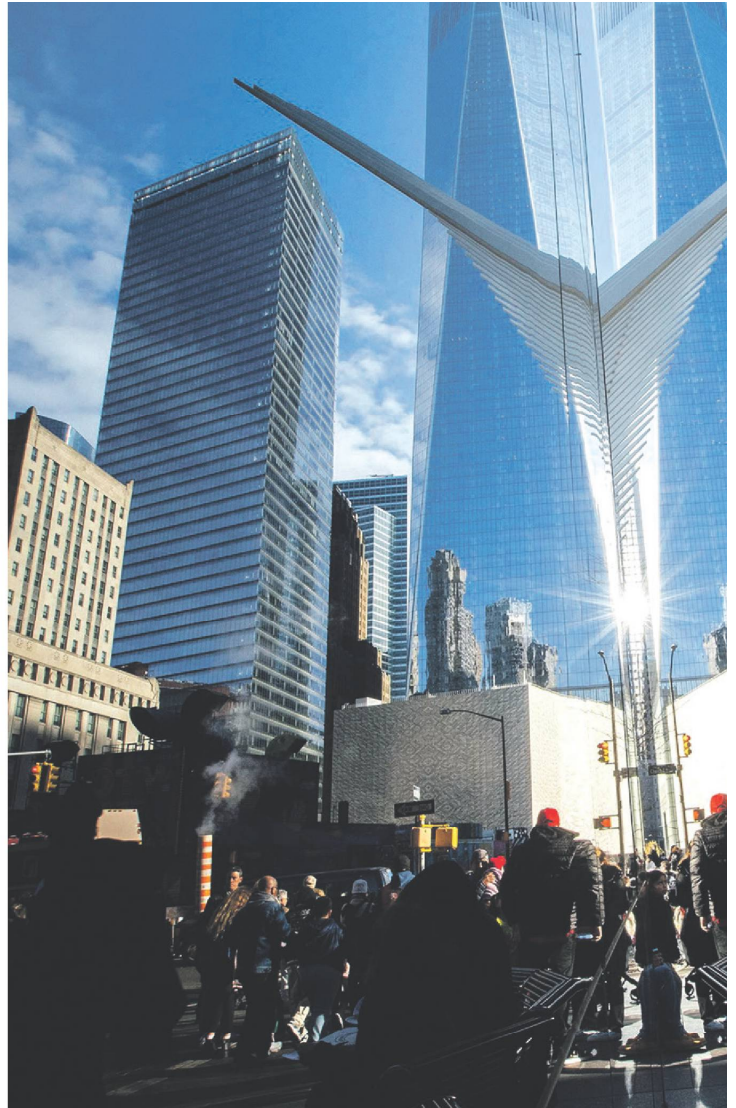
sacionados, e fevereiro foi o que menos operações teve registadas em mais de um ano.

"Iniciámos o ano com um pipeline de operações muito interessante, mas sentimos um certo arrefecimento do mercado nos meses de fevereiro e março causado sobretudo pelo clima de incerteza política nacional e internacional", diz ao JE Mariana Norton dos Reis, sócia cocoordenadora da área de Societário e M&A da Cuatrecasas.

Em março, que ainda não terminou e por isso não há ainda dados finais, registaram-se, até ontem, apenas 29 operações, que movimentaram 520,5 milhões de euros.

As eleições para a presidência norte-americana realizaram-se a 5 de novembro, com Donald Trump a vencer por larga margem e o Partido Republicano a conquistar maiorias na Câmara de Representantes e no Senado, sinalizando um mandato com poder reforçado. A investidura realizou-se a 20 de janeiro e desde essa altura que se sucedem decisões, com impacto interno e externo, como a imposição e tarifas aduaneiras, o que intensificou a guerra comercial entre os diferentes blocos.

"Persistem alguns desafios, designadamente a instabilidade geo-



M&A caiu 29,7% até 27 de março, face ao ano passado, para 111



João Caldeira
Sócio de Corporate M&A da CMS Portugal



Marta Romano de Castro
Sócia da Abreu Advogados



Mariana Norton dos Reis
Sócia cocoordenadora de Societário e M&A da Cuatrecasas



Rafael Lucas Pires
Sócio cocoordenador de Societário e M&A da Cuatrecasas

Energia promete negócios em 2025

M&A ■ Fundos de investimento e investidores estratégicos estão atentos a Portugal. Consultora prevê mais operações nas renováveis e no oil&gas.

André Cabrita-Mendes
amendes@medianove.com

O setor nacional de energia vai ter um ano em cheio em termos de negócios. Portugal é um “mercado muito apelativo para *players* internacionais”, segundo a Bain & Company.

A consultora aponta que as perspetivas “são promissoras” devido ao “forte impulso” tanto dos fundos de investimento como dos investidores estratégicos.

“Estamos a assistir a uma consolidação do mercado, com negócios estratégicos a aumentar a competitividade dos principais *players*. No setor da energia, o sucesso das fusões e aquisições já não depende apenas de uma *due diligence* bem executada, mas também de uma estratégia de investimento sólida, um plano de criação de valor acionável e uma estratégia de integração prática,” disse Eduardo Ferreira de Lemos responsável da Bain pelo setor de energia em Portugal.

A consultora norte-americana considera que há “duas dinâmicas principais” a moldar o mercado. “Em primeiro lugar, nos setores Químico e de Água, os *players* portugueses estão a aproveitar o momento atual para reforçar a sua consolidação. Algumas dessas transações por via de fusões e aquisições estratégicas e transformacionais”, afirma. Depois, a segunda dinâmica é a “aquisição de ativos portugueses, impulsionada pela sua qualidade e pela forte gestão nos últimos anos”.

No setor das energias renováveis, “espera-se uma maior rotação de ativos”, prevê. Já no setor do oil&gas, a Bain “antecipa negócios nas operações a jusante e a retalho, bem como na parte a montante da cadeia de valor”.

“Com as avaliações de mercado atuais nos setores da Energia e do oil&gas, as fusões e aquisições transformacionais pode-

Otimismo para nove meses

“Há sinais positivos em certos setores que podem determinar um segundo semestre forte desigualmente no que respeita ao *private equity*, em que vemos bastante liquidez no mercado e necessidade de realizar *exits* estratégicos assegurando retornos para os investidores”, aponta Rafael Lucas Pires, sócio coordenador da área de Societário e M&A da Cuatrecasas.

Do início do ano até 27 de março foram registadas 11 operações, tendo sido concluídas nove, que movimentaram 35 milhões de euros, revelam os dados da TTR Data.

“Agora, as projeções para 2025 são mais otimistas. A expectativa é que o mercado de M&A comece a se recuperar à medida que as condições económicas melhoram, especialmente com a expectativa de que as taxas de juros mais altas comecem a perder impacto”, diz Marta Romano de Castro. “Em setores estratégicos da economia sentimos que a atividade de M&A vai recuperar ainda este ano”, acrescenta.

Até agora, tal como tem acontecido nos últimos anos, os setores mais ativos são os do imobiliário e de Internet, Software & IT Services, mas ambos estão em queda no número de operações, 26% no primeiro caso, 17% no segundo.

“As perspetivas para a atividade de M&A no ano de 2025 são boas e assentam em diversos fatores incluindo, entre outras, a disponibilidade de capital, a expectativa de chegada ao mercado de ativos disponíveis para venda, a correção da valorização dos ativos e a significativa redução das taxas de juro em 2024”, reforça João Caldeira.

No seu serviço de radar, que procura identificar oportunidades, a TTR Data aponta maiores possibilidades para operações para expansão de negócio e para a entrada no mercado, seguindo-se o investimento direto estrangeiro.

“As expectativas para o mercado de M&A em 2025 continuam a ser de crescimento embora com moderação relativamente ao que se pensava no final de 2024”, diz Rafael Lucas Pires.

“É expectável que o ano de 2025, apesar do começo algo desencorajador, se venha revelar um ano de crescimento expressivo”, afirma Caldeira, mais otimista.



Maior rotação de ativos nas renováveis e negócios no oil&gas

rão envolver as maiores empresas de Portugal”, segundo Eduardo Ferreira de Lemos.

A nível global, a companhia acredita que vai ser um “ano recorde no setor da energia”, com mais de 400 mil milhões de euros em operações, com destaque

Fusões e aquisições transformacionais poderão envolver as maiores empresas de Portugal de energia e de oil&gas, prevê a Bain&Company

para a “onda de consolidações no oil&gas e um foco crescente no setor químico”, tendência também verificada por cá.

“No setor de oil&gas, em 2024 registou-se uma onda de consolidações, com mais de dez negócios de grande escala e inúmeras aquisições de média dimensão. 86% das transações estratégicas de M&A que excederam 1 mil milhões de dólares focaram-se em negócios de escala, visando fortalecer a liderança no mercado. Ao mesmo tempo, o setor químico passou por uma reestruturação significativa, com várias empresas a desinvestirem em ativos para se concentrarem em segmentos de mercado mais lucrativos”, segundo Alessandro Cadei da Bain.



REUTERS

política e a ameaça tarifária”, diz João Caldeira, sócio de Corporate M&A da CMS Portugal. “Será a interação destas pressões a determinar a evolução do mercado de M&A”, acrescenta.

Nota-se o “esperar para ver” dos empresários nas operações transfronteiriças, que estão muito abaixo do verificado no ano passado (neste primeiro trimestre incompleto). As aquisições feitas no setor de tecnologia e internet caíram 65,2% e o investimento de fundos de *private equity* e de ventura capital estrangeiros em empresas portuguesas diminuiu 80%.

Em Portugal, a crispação entre os diferentes partidos políticos culminou na apresentação de uma moção de confiança pelo governo, que foi rejeitada na Assembleia da República, o que leva o país para as terceiras eleições legislativas em três anos.